



# Pangeia:

A etimologia do ser

Mariana Basílio

**Carlos Massa Ratinho Junior**  
Governador do Estado do Paraná

**João Evaristo Debiasi**  
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**Ilana Lerner**  
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital  
**Omar Godoy**

Jurados | Poesia  
**Guilherme Gontijo Flores**  
**Sandra Stroparo**

Preparação editorial  
**João Lucas Dusi**

Revisão  
**Entrelinhas Editorial**

Projeto gráfico e diagramação  
**Thapcom.com**

Ilustrações e capas  
**Cantalupo**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Basílio, Mariana da Rocha

Pangeia: a etimologia do ser [livro eletrônico]/ Mariana da Rocha Basílio. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020. 59 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria poesia”  
ISBN 978-65-89223-00-9 (e-book)  
PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)  
869.1

# **PANGEIA: A ETIMOLOGIA DO SER**

**Mariana Basílio**

E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma  
fala.

E aconteceu que, partindo eles do Oriente,  
acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali.

E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e  
queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o  
betume por cal.

E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre  
cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para  
que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.

Então desceu o Senhor para ver a cidade  
e a torre que os filhos dos homens edificavam;

E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma  
mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora,  
não haverá restrição para tudo o que eles intentarem  
fazer.

Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que  
não entenda um a língua do outro.  
Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a  
terra; e cessaram de edificar a cidade.

Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra.

*Gênesis 11:1-9*

“Se a palavra perdida se perdeu, se a palavra usada se gastou  
Se a palavra inaudita e inexpressa  
Inexpressa e inaudita permanece, então  
Inexpressa a palavra ainda perdura, o inaudito Verbo,  
O Verbo sem palavra, o Verbo

E a luz nas trevas fulgurou  
E contra o Verbo o mundo inquieto ainda arremete  
Rodopiando em torno do silente Verbo.”

*T.S. Eliot*

## APRESENTAÇÃO

*“A casa foi antes oca, antes chão. CASA, CASCA, CAVA. O corpo vem e dorme,  
séculos depois.”*

*“O sangue foi antes água, antes óleo. SANGUE, SUOR, SUMO. O corpo ainda  
aguenta, segundos antes.”*

Este livro, na forma de breve coletânea de versos inéditos, se representa em um processo específico de reflexão sobre a **origem da comunicação**, entre a fala e a palavra, de maneira universal, em diálogo com a língua portuguesa brasileira e sua historicidade, cultural e social.

*“A linha é maior que a caverna; a encontro há milhares de anos.  
(Isto é minha eternidade.)”; “Brasil: o abismo não o divide. / O abismo o  
circunda; extingue.”*

Foi versado entre o inverno de 2019 e o verão de 2020 e se apresenta à Biblioteca Pública do Paraná, assim como a seus leitores e leitoras, como um pequeno sopro sobre uma discussão incessante nas artes e, principalmente, na literatura: o **poder da palavra e transcrição**, especificamente na Poesia, com a absolvição e concepção de nossas alianças, faladas e criadas em vida e em morte, e assim desenvolvidas enquanto emancipação humana: *“A frase não basta ao canto. Deitam as vogais, distantes. E consoantes as distraem. Unidas à espera do outro”*. Espero que este seletto conjunto, dividido entre as seções “Origens” e “Nascentes”, os alcance enquanto seja o finito a nossa infinitude: *“Dentes humanos usados como joias, há 8.500 anos eles os penduravam. Não foi ao acaso a jugular exposta, essa letra incontestemente de um javali”*.

A primeira seção, “Origens”, trata da matéria mais bruta e abrangente do fazer poético, da práxis, entre ação e teoria, da busca pela tecnicidade de labutar a palavra, de conceber poema e comunicação, assim como de

reacender os nascimentos e as despedidas, de calçar nossos sapatos, antes que assim fossem conhecidos, pelo signo: *“Sulcos de pólvora, guerras findas: / Um viço de não ser apenas bicho”*. Na segunda, e seção final, “Nascentes”, apresento poemas mais longos, divididos em pequenas cenas e situações, entre o início das primeiras gerações e o Brasil, e parte de sua contemporaneidade, social, cultural, incessante. Ou seja, há uma aliança entre uma seção mais aberta e lírica e um final mais brusco, prosaico, mas ainda assim muito comprometido com o intuito do livro, de jogar e de discutir a palavra e a fala, e seus espelhos entre nós, como a realidade filosófica, a que sabemos não é a mesma para todos e nenhum de nós: *“O poder da visão é esse invisível.”*; *“Minha mente é apenas memória. O vento abraça uma caça no bico; Urubus e suas fezes de algodão”*.

Boa leitura!

*Com manhãs e escombros, jaz quem os versa.*

13 de setembro de 2020



# ORIGENS

## Origens

### I

O som do primeiro sopro.  
A vogal submersa, sola.  
A luz veloz é contínua.  
O forro da forma dobra.

Ele senta, ela fala. A língua  
solveu sentidos e os molda.  
Ele, mundo, sereno salivar:  
Sopram o desejo na maçã.

### II

O que chamaram de Jardim;  
Era uma vez, a mata. Frutos.  
O sol chispa pela letra curva.  
Era uma vez, árvore primária.

Húmus era o céu rangendo.  
O silêncio, formado da pedra.  
Humanos como bichos turvos,  
o antes de qualquer incêndio.

### III

A casa foi antes oca, antes chão.  
CASA, CASCA, CAVA. O corpo  
vem e dorme, séculos depois.  
O primeiro ronco é rotineiro:  
Distribui aos sons um novelo.

\*\*

O berço foi antes tronco, antes gozo.

BERÇO, BAÚ, BOCA. O corpo

ainda regurgita, milênios afins.

A túnica única, fuga, nascimento:

Os últimos serão os primeiros.

\*\*\*

O sangue foi antes água, antes óleo.

SANGUE, SUOR, SUMO. O corpo

ainda aguenta, segundos antes.

O fundo díspar, repente à caça,

um grito profético é descoberto:

eles serão o que não se mede.

## Origens (II)

### I

Brasil: pau, tenda, semente.  
Vera Cruz, a terra pressente.  
Rosto e arco de 150 línguas.

É dito: pelo mar você não foge.  
Lugar de índio é cabo, é lança.  
Na casa do descobridor, o pão,  
vencedor e perdedor osculado.

A tinta do papel os estampa.  
O corpo, obtuso é uma falha.  
A cloaca da galinha os assa.

Galhos da Tribo de Portachula.  
Crânio com crânio, enterrados.  
Plastinação da nação deflorada.

Brasil: o abismo não o divide.  
O abismo o circunda; extingue.

### II

*È compiuto. È concluso. È terminato.*  
O avesso do retrato, a banha sangra:  
Esfregar o sal na sutura do sentido.  
Ferver o sol na precisão indígena.

Canoas adornam a cultura, nua.  
Ideias adiam o cessar do tempo.  
Eles cavam na mão um desenho  
nos estreitos limites do instante.

(Mas onde posso originar a palavra?)

### III

Dentes humanos usados como joias,  
há 8.500 anos eles os penduravam.  
Não foi ao acaso a jugular exposta,  
essa letra incontestante de um javali.

As patas fundidas pela montanha,  
o homem caça o cobre do couro.  
A mata cobre o casulo do morto.

A coreografia deles é a mesma.  
Pisam duro sobre a terra, calvos.  
Fundam a leveza sobre a Terra.

Dentes humanos salivam no ar.  
A consciência é punhal da carne.  
A memória afetiva cria o espelho.

O mar da Galileia, lago sem ondas,  
transborda pela cidade de Israel;  
sons emanam o futuro, pretérito.

A brevidade é fugitiva ao talento.

## Origens (III)

### I

Cultivar o oxigênio no gesto.  
Samambaia no desabamento;  
Ela segura a lança, afia, cospe:  
o que vive é um descontento.

Convive no chão, come do ar.  
Areia movediça da serpente.  
Cânion de corais vermelhos,  
lança ao outro um grito rente.

Penélope, alerta no espelho,  
cruza o mar à cruz do trauma.  
Senta na proa e logo a salta:  
o que morre é um portentoso.

(Adágio popular: cria corvos,  
e eles te comerão os olhos.)

### II

A raridade da descoberta.  
O momento aflito, cindido.  
Balbucia meu menino, farto;  
O instante impreciso, tátil.

Colcha de retalhos, torre.  
Um a um, o som é exposto;  
Ele, sol do olho, sorri alto —  
Um fio tecido é logo solto.

A curva do limite, pregado.  
Devoção da língua, afiada:  
Se existe algo inatingível,  
foi dele usada a tentativa.

### III

Sobre o continente, não o deserto  
ou úmida planície. Sobre o calço,  
dispararam o eco da promessa.

Além, é abismo. Além, é vulto.  
Linha por linha, juntam a ideia  
na invenção de um escombros.

Erguem as inúteis plataformas,  
desmembram oceanos: dedos.  
O sono das abelhas é refeito.

Sobre a palavra: o signo, mel.

(Crianças romanas: usavam tábuas de cera.)

## Origens (IV)

### I

Tentáculos sobre recursos do planeta.  
Ainda estou descalça com os mortos;  
As estrangeiras e acidentais gotículas  
deslocam vossos polos, pelo avesso.

Puro ar e gases, o perímetro fóssil.  
A cada passo ameaçado é presente.  
A faca desvia da boca, o vão fálico.  
E não me ensinaram o que é folha.

Costas e órgãos flutuam unidos.  
A página de uma planície finita;  
Oásis é a antiga nova semente:  
descamam o dorso com soluços.

Mas respiro no ar, e os separo.

### II

O que é impuro, profano e imundo.  
Catatônico orifício, vulcão imerso.  
Um risco, o tropeço do véu alado.  
Alfabeto: injúria à bíblia sagrada.

A seiva é obscura, ronda o corte;  
O dinheiro cheira ao diabo, forte.  
Às colunas do templo Salomão:  
leem o que é para eles salvação.

Porque aos outros se mascaram.  
O dia inicial, inteira calma, corta  
à terra o sol e o vento feito nadas.

Aos olhos da tinta incidente somos  
gargalhos no vulto fiel, incendiado:  
e comungam a miséria dos irmãos.

Nenhuma sílaba permanece intacta.  
A diáspora é rugosa e porosa, arde.  
Assim gozam, em euforia torrencial.

### III

Uma dura póstuma mandíbula.  
Procissão das moscas amargas.  
Cursam ante naturais nas patas:  
cabeças se despedem na mesa.

Elas dormiram após a colheita  
Este problema é o de ter medo.  
Odeio os nossos indiferentes;  
Histórias de foices e ventres.

Apenas o arabesco despontado  
sente essas coisas, sem redução.  
A frase é ilidida, logo domada.  
Alheia à tortura dos camponeses.

Sobre minha cova, eles pairam.  
Restos desse homem metálico;  
O povo ungido, reage ao fundo:  
E sequer nos compreendem.

## Origens (V)

### I

Revelam e velam esse riscado.  
A brutalidade do gesto, feito.  
Genuíno, recobre o humano.

Viram e reviram os instantes.  
Fadado a afundar, o afogam.  
Vindo sem resposta, convexo.

A linha é maior que a caverna;  
a encontro há milhares de anos.

(Isto é minha eternidade.)

### II

As marcas externas, liquidez.  
Todo resquício do pensamento.  
Sulcos de pólvora, guerras findas:  
Um viço de não ser apenas bicho.

O machado adorna a noite âmbar;  
O viço revive no símbolo, extinto.

Orifício do ânus, caracol semeado.  
Outro método, canibal e ciclópico.

É falha a comunicação, e nos fala.

### III

Há coisas mais profanas que a cura.  
Mãos ligeiras limpam o meu cuspe  
na contínua trivialidade da cópia:  
ritmo essa grosseira letra, milenar.

O signo, genuíno, se eleva pujante  
na tromba do elefante, estufado.  
Oculto dentro a plumagem áspera.  
Ave, seiva, terra; quando púrpura.  
(E não me caberia por completo).

Cova. A sina a que ela se renova:  
os grãos se cagam no mar ateado.  
— Com todo desprezo, me apoio.

## Origens (VI)

### I

A frase não basta ao canto.  
Deitam as vogais, distantes.  
E consoantes as distraem.  
Unidas à espera do outro.

Aragens de acentos, amiúde.  
A fuligem do amor os traça.  
Sintaxe da rendição: pontos.  
O verbo submerge no sujeito;

Um pinheiral se move, além.

As estátuas dessa voz tatuam  
os trajetos dos céus em nós:  
os talheres rangem no prato.

Quão doce hoje seria cantar!

### II

Por cima da fumaça, o cheiro.  
Como a placa atada à floresta;  
Incineram os papéis na árvore.  
A cor rósea inunda o horizonte.

Há neblina com as asas roucas.  
Riscos pelas folhas mastigadas:  
e trazem a capivara para perto;  
deitada entre águas, satisfeita.  
Com olhos de carvão e capim.

À descoberta do mundo, expira.  
O útero dispersando na camada  
marrom e carnuda. Ainda deitada,  
refletida, chanfrada é encharcada.

Depois de nove milhões de anos,  
a capivara é posta, e assada viva.  
Tantos profundos vômitos, fomes  
nos espinhos dilacerados da carne.

Pergunte onde havia humanidade.

### III

O pequeno gesto limpa as águas.  
A imergi-la estão nuvens, peixes.  
Amanhã serão barcos remando,  
desovando um crepúsculo altar.

Iemanjá, dela advém seu tom.  
Uma criança como o seu grão  
segura nas próprias mãos o ar.

Pescadores formam nela ilhas.

Os frutos dos mares enxutos  
em gotas de mulheres, areias;  
Ventres baixos apertam olhos  
esbugalhados à lâmina longa.

Um som rampante e claro, decai.  
Talham e fatiam à dura precisão.  
Se dobram na cadência do leque.

Vamos cavar a verdade dos filhos.

## Origens (VII)

### I

No deserto, havia um joelho.  
O bicho por cima do humano.  
Agachado, se estrebuchava;  
à brutalidade do amor dada.

Lutava nas palavras, em vão.  
Contra a asfixia, sem perdão.  
Feito nobre tristeza, no chão.

A prisão que o bicho ecoava.  
Imundo, apodrecia crescente,  
e quanto mais o observavam;

Um deus tomado o compelia:  
Ele não é bicho, é um homem.

### II

Os comboios passaram, unidos.  
A distância do simples momento.  
Penso que o gume era tinta unida,  
ao que estancariam de novas leis.

Penso que seria enorme cantar  
aos brancos e os negros pardais.  
Ao bicho que atravessa o terreno.  
Encontra instrumentos da leveza;

O que é nome, mesmo sendo nada.

As mãos raspam a coragem, por fora.  
A morte vaga mais de perto de nós.  
As cadeiras e as casas, pela flecha  
arqueada vão ao encontro de dados;  
à mesa e toda delicadeza, disformes.

O destino imóvel, lançado às brasas.  
Como o homem havia de levantar?

O bicho, de repente, ele chorava.

### III

Engole a água e a lama, unidas.  
Abaixo do móvel ali recostado.  
O medo de ser carne, esse copo  
enlutado, cheio, cabelos mornos.

Genitálias e remédios, assépticos.  
A inocência humana, atordoada;  
reeditada na tela, vista por todos.

Não se levantam os retratos antigos.  
Os pés congelam a música, dentro:  
O sonâmbulo coração come astros.

(Ele não sabia assinar, usava o polegar).

## Origens (VIII)

### I

À sombra de um vulcão,  
o cisco do olho cravejado.  
O morro do vento uivante;  
A fera na selva, os ensaios.

Um mal-estar na civilização,  
a mecânica das águas vivas.  
Nem tudo que é céu, se sagra.  
Veloz, o tempo traga as veias.

Onde eu transito há um buraco.  
Espaço perpendicular, o passo;  
A maré da folhagem se alastra.

Há centenas de lugares intactos.  
O único que estaria, se pudesse,  
vive os dias oco: está soterrado.

### II

Com o cheiro do paralelepípedo.  
Os espinhos expurgando a terra.  
Uma cidade é desenhada, em si.  
A vida dela são pilares submersos.

É aparente os braços gasosos, finos;  
corpos empilhados, pirâmides findas  
comidas por vermes, o tempo, em si.

Disparos de rastros povoam a beleza,  
a inteligência como cimento e areia;  
ondulosos telhados que nos cercam.  
Réplicas do sol iluminando paredes.

Os fragmentos e átomos as retêm –  
a vela queima nos dois lados da ideia.

### III

O diabo erguia as causas e casas.  
O operário cochilava no casebre.  
Tijolos empilhavam mil braços;  
pés e bocas, todos amaldiçoados.

Um silêncio de martírios os uniu.  
A esperança sincera dessa leitura  
refeita dentro da tarde fervente.  
Se uniram por temor aos deuses.

Resta, acima de tudo, um cálculo.  
Pedra sobre pedra. Configuração:  
Toca, teto, tapera, em toda teia.

A distração do desejo: fonema.  
A infância dando passos sadios.  
O fio da navalha, inconsciência:  
a alma tomada, única morada.

Exegese: o início das construções.  
(O sermão é um edifício ruído).

## Origens (IX)

### I

A fase lútea, o espírito úmido.  
Questionados para serem lidos  
nas veredas, de volta ao casco.  
Diagrama pioneiro, reeditados.

Pressionam o óvulo, como antes.  
Esquilos rompem túneis líquidos.  
Para cada presente traço, tubas.  
E a força desliza, temporalmente.

Gravita por um planetário oculto.  
Cruza os sinais à ponte desalmada.  
Funções humanas do mudo sangue.

(É isso o que chamam renascimento?)

### II

A nossa inteira vida, cruezas.  
Um nó despende as mentiras.  
Palavras surram as palavras,  
os sinais urdidos do opressor.

A linguagem deles não é minha.  
Tentando encher balões de ares  
com agulhas cosidas no avesso.

Eu sonhava que amaria a morte  
com essa redenção existencial.  
Em flashes da terra, abençoada.  
Nas patas animais, um edifício.

A lentidão da uma luminescência  
almejando conceber o seu rosto.  
Nada além de eu mesma? A mim.

O pulso gera a aura pelos dedos:  
Eu só escrevo de olhos fechados.

### III

A minha boca cruza os navios.  
Os ancestrais apertam dentes.  
Eu os sinto jogando com a voz.

Implosões, e direitos, deveres.  
Noções gerais criando origens.  
Cavalos ruminam nos troncos;  
línguas obtêm o mesmo copo.

Anos após anos, não semearam  
queimaduras, eles, esse hálito  
em busca da pátria inesperada.

O pacto logo se fez: sobreviver.

(E assim todos nós conversamos.)

## Origens (X)

### I

Toda uma geração, em sombras.  
O mundo que anseiam, em nós.  
O cárcere dos pássaros, um não.  
Com feridas do ritmo universal.

As asas esticadas, logo fiadas.  
Avistam lentamente o antevoo.  
O que seria de nós se voassem?

Minha mente é apenas memória.  
O vento abraça uma caça no bico;  
Urubus e suas fezes de algodão.

Entre as nossas canelas e pinças,  
povos e povos inventam traços.  
Não se toca a destruição, lendo.

“Pobre criatura. Nunca mais voou”.

### II

E um dia um coral em chamas  
terá ensaiado entre 3.700 anos  
a canção das Américas, infinda.

Tentando cumprir a arqueologia;  
o rumo dos significantes unidos.  
A ruína indiferente ao estrago.

Sem nobreza, nem razão, mãos  
escapam das pupilas pela gruta;  
a pintura rupestre: a envergam.  
(Só a terra cobre nossos ossos.)

O poder da visão é esse invisível.

### III

Há multidões por dentro daqui.  
Ruídos e promessas, os ecos.  
Murais, pontes, redemoinhos.  
As crianças ruminam os sinais.

Suspiros de uma imortalidade.  
A histeria e o conforto, vazios.  
Preenchidos de tinta e notas.  
A fala hipócrita dos borrões.

Você observa a borda das ruas;  
Eles triangulam frutos e gestos.  
Resta o clique estufado do grito.  
Temporais recortam nossa casa.

O último giro de uma espada.  
Estralando na palma, ao chão.  
A cama é aberta, são as traças.

Vimos de longe, me disseram.  
Descemos, moídos, semeados.  
Debruçados sobre essa terra,  
em cores e gestos cavam arcos;  
O dia, o ventre, de perto tocados.

No invólucro da natureza, formas;  
Balanços dos rios, assassinatos.  
O panorama crucificado indígena.  
Os telhados de negros sufocados.

São as palavras iniciais em mim.

Os lavradores se transformam  
Em cascas de casulos íntegros.  
Para lavar nossos rostos, a sós.  
A coragem estreita o coração.  
E eles nos deram essas armas.

A procissão idiomática propaga  
o espectro da vida, bem acima:  
Serenidade; a tentativa caduca.  
Escrevem em folhas de árvore.  
A liquidez da semente, o papel.  
A face timbrada é romanceada.

Mas os dias não estão cheios.  
E talvez uma letra indecifrável  
logo se forme na verdade fria.

(Depois veio o sono, a morte.  
Um indispensável murmúrio).



# **NASCENTES**

*“[...] Dizem: ele é uma palavra.*

*E chega o verão, e eu sou exatamente uma Palavra.*

*– Porque me amam até se despedaçarem todas as portas,  
e por detrás de tudo, num lugar muito puro,  
todas as coisas se unirem numa espécie de forte silêncio.”*

*Herberto Helder*

## A guerra originária

(Como sangue, existimos dentro dos gestos.)

Na disparidade laranja, o caminho do corpo  
queima nas lascas e nos olhos do outro,  
captando o prazer da nova vivência:  
fumaça e duas mãos estendem-se.

O silêncio cobre com força a fauna:  
A nuca que aquece outra, a abraça.  
Faíscas rasuram o instante de dor,  
mas também dessa glória farta:  
humanos descobrem o fogo.

\*\*

Um diorama mostra, séculos depois,  
dois *Homo erectus* – a espécie  
mais antiga a controlar o fogo,  
cerca de 1,8 milhão de anos atrás – no  
Museu Nacional de História Mongol.

Ambos vagam pela imagem, frios  
na ausência quente de seus calos.

Uma educação pela pedra, no fundo  
desses gestos, revistos em 3D,  
será a montanha intransponível.  
Grunhidos cospem ardor e alegria.

Dentes resistem à feição dos bichos.  
Soterrados pela vagueza da realidade,  
enquanto uma só chama sobe, dura,  
os dedos moles, entre ferro e retina.

O fogo é ali mantido, em desespero.  
Palmas nascem pela primeira vez.  
Uma barriga ronca, a outra cozinha.  
Pelos crescem muito rapidamente,  
pois a velocidade da luz etérea é  
a seca acesa na bruma da noite.

No filme *A Guerra do Fogo* (1981),  
de Jean-Jacques Annaud, a tribo Ulam,  
menos desenvolvida, cultua o fogo  
como o vento divino e sobrenatural.

Quando a fonte de fogo deles apaga,  
outra tribo, Ivaka, mais desenvolvida,  
os ensina sobre o amor da linguagem,  
com gestos e grunhidos bem-feitos.

A língua acesa: o início da comunicação.

– Ahhnhubrbrmmmm?! Brrrrmmmmmm.  
Senta um homem ao lado da mulher.  
Os dois observam o homem visitante.  
– Brbrrrruruhm?! Ahhhhhubrbrmmmm.  
A mulher esfrega uma vareta na outra.  
Os dentes apertam o seu lábio inferior.  
Os cabelos são lascas, as unhas, cascos.  
O visitante, Ulam, mexe mais as mãos,  
côncavas, como duas fartas alavancas.

A fumaça logo extirpa o fio do fogo.  
Ele então responde. Os dois se ouvem,  
mas não conseguem expor uma só fala  
que possa se compor superior à luz.

Dois olhos de íris castanhas refazem  
o interior do fogo, enfim, azulado,  
expandido na irradiação amarelada —  
feito do vermelho sangue da caça.

\*\*\*

Em seu ensaio sobre a origem das línguas,  
Jean-Jacques Rousseau diz que não se sabe  
de onde vem uma pessoa antes de ter falado,  
*“O amor, dizem, foi o inventor do desenho;  
pôde também inventar a palavra,  
porém com menor felicidade”*.

Ao fundo da imagem do Museu, há  
um desenho ainda pré-cuneiforme, um  
barco pálido que possui braços de trovão:  
*“não é a linguagem que é natural ao homem,  
mas a faculdade de construir uma língua,  
vale dizer: um sistema de signos distintos  
correspondentes a ideias distintas”*.  
Ferdinand de Saussure desenhava balões  
quando era criança, pois o pai o havia deixado.

Enquanto viajavam em florestas tropicais,  
os humanos *erectus*, antes de serem  
*sapiens*, guerreavam pelo fogo  
defendendo-se de sua fome: a carne  
imóvel do animal logo capturado,  
a carne viva dos dedos no inverno.  
A magia do fogo fazia da névoa reflexo,  
mesmo que a noite continuasse pesada.

Eles acumulavam finas e precisas brasas,  
e assim as abrigavam das chuvas, formando  
o primeiro arco-íris artificial do mundo.

Azuis e verdes escapavam dos olhos,  
Marrons e vermelhos cobriam lábios,  
Rosas e púrpura eram o topo dos dentes.  
Mães e filhos brincavam de sol e de lua,  
na tarde que juntos arqueavam o fogo  
que se queimaria nos terrenos de mata.

Sem a fala, o tempo parecia imóvel.

Quando tornaram lar o Ártico estéril,  
enquanto pessoas como nós eram ainda  
deserto, eles levaram consigo a memória  
do fogo até o infinito, pela gordura animal.  
Charles Darwin considerou essas conquistas  
como as mais significativas da humanidade.

\*\*\*\*

Logo, as pessoas puseram o dedo no eixo do globo, inclinando-o sobre o eixo do universo.

Fogo sobre fogo, lume sob lume, faiscaram na antevinda crescente do ser que ilimitado.

Milhares de varetas depois, um isqueiro se dispõe por cinco dedos, pois há incensos: uma janela foi aqui desenhada e moldada sobre a minha tristeza, no ego persistente.

Ferro e fauna novamente se entranham, com um gato dependurado na falange — vespertinos, no meu canto de mágoas.

A linguagem do fogo é a palma das mãos.  
A origem da fala é a captura da escuridão.

## O sagrado, em hieróglifos

Os ossos espalhados ao chão.  
Distante de uma composição final,  
há um crânio largo e jogado, de bruços,  
quando todo o cimento é misturado pela  
pá enferrujada, unido à crua argamassa.

Hemisférios residem milenares no  
18º andar deste Edifício das Plumas,  
subúrbio remoto do Rio de Janeiro.

Hieróglifos da Anatólia não exprimem  
com a pura verdade as lágrimas da mãe  
descendo cruas nos lábios moribundos  
e ocos da filha, incinerada pelo tráfico.

Os anéis espalhados são júbilos,  
ondas finas que não vestem o mar:  
o pódio da linguagem, um *adeus*.

Como também já cantaram o amor  
na lâmina afiada das horas, quando  
não pôde dizer o que comunicava  
necessário: nos ausentes, exaustos.

Ceivavam o som na cunha da pedra.

Estralada e assassinada no monte  
desprezado do silêncio, arriscando  
nas mãos dos ignorantes humanos  
a promulgação de leis em sua língua.

Astecas, cretenses, egípcios e maias,  
olmecas, além dos povos de Mi'kmaq,  
Muisca, Ojibwe escreviam argilados —  
tontos de querer a retomada do fogo —  
talharam o nascer do sol no crescer  
do trigo, às vésperas da chuva —  
tralhando o canto da sereia perto do  
nascimento do bebê, que morreria.

O assassino, a rainha, a escritã:  
em todas as formas dos órgãos,  
desenhos se tornam a própria vida  
nos punhos rasos dos antepassados:  
a todos é o que ela foi se tornando.

Desenhos amontoados são vazios.

Ambos seguram cunhas moldando o  
destino precípuo de homens e mulheres:  
a muralha tostada é sempre a eternidade.

O sol cingido no trajeto, antes e depois.  
A nuvem da noite o guia mais veloz.  
Símbolos formam os feixes dos sons.

Viver é a conformidade da exaustão.

Mãos negras se tingem no vasto azul,  
trazido pelas correntes da planta rara:  
os dedos molhados coroam nas grutas  
magdalenenses da Europa Sul-Atlântica  
esses longos ossos cariocas, com afeição.

Do azul da água, do cume daquela noite  
nas intempéries até o presente, ouvem  
o escombro fatal do fundo logograma:  
ancestrais e fuzis dos matos da cidade  
formam os pés que não se caminham.

## O engenho cuneiforme

### I

#### Pequena tabulação

*(Os primeiros pictogramas eram gravados em tabuletas, em seqüências verticais, com um estilete feito de cana gravando os seus traços, horizontais e oblíquos.)*

Argilando e ceifando o que a ideia ordena,  
os indígenas originários brindam ao sol  
em seqüências horizontais: com uma  
das cunhas inclinadas, empurram o  
barro traçando o perigo do sonho –  
enquanto outros ojíbuas se banham.

Sinais se ajustam à posição da escrita na  
gravidade da noite, cheios de vontade.

Há botas, mantos e bordados alinhados  
ao respaldo dos signos crescentes em  
transações de profecias e guerras tribais.

Tabuletas cuneiformes são tostadas,  
fornos provam o registro permanente.

\*\*

No interior de Pernambuco um caminhão  
cheio de lixo se aproxima despejando com  
seu enorme gancho uma nova tonelada de  
signos, digeridos por estômagos famintos.

O trajeto é íngreme e volátil, mas aberto:  
crianças se amontoam por debaixo da pá.

Argilando e ceifando as sacolas rasgadas,  
há um gosto de palavra espiralada no pote  
de sorvete, aberto por mãos de seis anos:  
grãos de arroz unem os dentes de leite.

Unhas riscam o restante do velho plástico  
na montanha feita de fraturas orgânicas:  
o pé é rasgado pelo vidro pontiagudo –  
a porta de um armário é calço seguro.

Urubus seguem ao lado, bicam ossos  
almoçados, restos de família do bloco 26  
(Av. Presidente Kennedy, vila dos Tchecos).

Um dos dedos, da menina menor, alcança  
o isopor que se parece com uma caixa de  
brinquedos pequenos. Com seu canivete  
desenha um coração, enquanto mastiga  
todo o arroz compartilhado com o irmão.

A vida neles cheira ao imundo das orações.

## Odes ojibuas

*(Devido a profecias e a guerra tribal há cerca de 1.500 anos deixaram suas casas ao longo do oceano, iniciando uma lenta migração ao oeste, que perdurou séculos.)*

### II Grande tabulação

O nome “Ojibwe” vem de longe.

Não rima com mãe, nem ave,  
mas foi extraído da costura  
enrugada de um mocassim  
calçando o frio do chão, ou  
das mãos, arfando quietas  
arestas em cascas de bétula.

O rio largo propõe comunhão.

Eles caçam e pescam sentados,  
produzem açúcar e xarope bordô,  
colhendo arroz selvagem. A sós.

Antes do século XX, os Ojibwe  
viviam crescendo em wigwams e  
percorriam as vias navegáveis,  
com as canoas da mesma casca  
que narravam as histórias dos  
seus símbolos à mãe natureza.

Dízimos surgiam dos ares trêmulos,  
que ainda os protegia do progresso  
humano — feito de aço urbano —  
onde fetos ressoavam das folhas.

Ao redor da fogueira, gargantas  
liquidaram o medo e seu traço no  
altar de madeira, riscado com  
uma só pedra bruta, segurada  
por duas crianças atentas:  
“Proteção”.

A tinta vermelha escorria  
do urucum, explorado na  
altura do antigo México  
pelos grandes lagos, onde  
esses nativos americanos  
pousavam a perda das asas,  
disformes e ressoantes:  
“Sol”.

Um poente de feixes grossos  
contornava com grossas mãos  
gramas riscadas, rentes com a  
tábua logo saliente — a riscavam  
incensando o ambiente, cheios  
de desejos e receios humanos,  
como nascer e morrer em vão.

E então choraram, logo nus,  
quando pensavam na partida do  
do único pai, pelo Alto Tempo:

“Ayabe-way-we-tung”  
[a imagem aponta o ano de 1876].

\*\*

Abaixo do viaduto Tutoia, São Paulo,  
há um vaso com flores de plástico.

Sofá, tapete, espelho pendurado  
na parede grafitada: “Cartola”  
(lê-se no pensamento, quando  
o carro percorre o signo rosto).

Escova de dente, banco, chapéu.  
Objetos comungam do ambiente  
entre carros tabulados ao redor.

Uma cama de papelão está vazia.

Nos segundos em que um par de  
mocassins soa pelo trajeto, o ar  
mofado propaga no pescoço que  
estrala, logo dois corpos surgem:  
havia o sonho irreal de uma casa.

O viaduto estreito propõe remoção.

O sol por ali não passa, assim  
como janelas não fariam de sua  
arquitetura um frágil abandono.

O nome “Ojibwe” vem de longe.

Não rima com lar, nem açude,  
mas é fincado na costura do  
lençol esburacado, cobrindo  
dezenas de caixas de papelão.  
Logo tornadas um oco descanso.

O símbolo acima reflete: “Z.L.”.  
Um carrinho de metais amontados  
avança acostado na porta imaginária:  
uma mulher de 60 anos, a sós, se deita.

Wigwams seriam mais confortáveis.

## Ideograma chinês

Na ventania expelida da montanha,  
uma adaga prensada na entranha  
é vulto do limite corpóreo, traça  
retilínea pela estaca do sangue.

Anteriores àquela dinastia Shang,  
milhares de profetas e andantes  
circulavam com medo e espasmo,  
esvaídos em templos, dizimados.

A espada fincada no peito alado,  
o movimento dá honra à precisão:  
a lâmina desbota na face da carne.  
Ele urra, e morre como um inimigo.

Altars escreviam em seu nome:  
“Imperador Amarelo”.

\*

Cangje (*Ts'ang-chieh*) caminha,  
lenda futura, da história rubra:  
quatro olhos e quatro bocas,  
dedos de polvo, íris de brasas.

Quando inventou os caracteres,  
divindades e espíritos chineses  
choraram: o céu verteu milhetes.

Poseidon não resistiu, Hades logo  
o acompanhou, e assim findaram  
os mesmos papéis da cultura, crua —  
a pólvora justa, farta de simbologia.

\*\*

Os primeiros registros orientais  
eram feitos com ossos de animais.

Confúcio nos dizia que o sistema  
de escrita da China era anterior a  
quatro mil anos, em via tripla.

Todavia, é difícil ver a mitologia —  
dos gestos: o povo é memória.

Um dragão traz o aborto e a  
sede da mãe é lenda da cidade —  
a adaga consome o fio de leite,  
o corte é preciso no peito odioso.

Labaredas forram os ossos do feto.

\*\*\*

Sinogramas são estruturas linguísticas  
nomeadas por várias culturas orientais:  
hànzì em mandarim, kanji em japonês,  
hanja em coreano e hán tữ em vietnamita.

O vapor do chá elimina a vaga sensação  
da cabeça doente da senhora, bordando  
uma camisa com flores de cerejeira.

Tchékhov ainda não existia aqui,  
mas as flores de cerejeira já cresciam.

Dizem que um sinograma cabe no  
quadrado imaginário, independentemente  
do número de traços em que é constituído.

Assim, 日 rì (sol, dia) e 月 yuè (lua, mês)  
ocupam o mesmo espaço que o carácter  
明 míng (claro, brilhante), em duplicidade.

O aroma do vapor é de capim-cidreira.  
Ela se deita após bebê-lo, imóvel,  
há um casebre quando ele adormece.

No fundo da plantação de algodão —  
mãos pequenas se tornam enrugadas.  
O sol amarelo da infância  
é agora uma estrela alaranjada.

Dizem que são trinta os traços principais  
dos sinogramas orientais, mas não há  
conformidade quanto aos principais.

\*\*\*\*

No gueto de Varsóvia, Janusz Korczak  
foi a família de centenas de crianças  
judias no orfanato Dom Sierot,  
ou a conhecida *Casa dos Órfãos*.

Em seu diário, circundava símbolos  
de afeto por cada uma das crianças  
que observou mover-se, por dentro.

Anne, dez anos, penteava o cabelo  
das meninas franzinas e menores.  
O movimento era horário, pontual.  
Mas o próprio cabelo ela cortou.

Julián, nove anos, costumava meias  
rasgadas — doação dos bondosos —  
e as dobrava nas gavetas dos outros.  
Os meninos dormiam com meninos.  
As meninas dormiam com meninas.  
E pela manhã todos se misturavam,  
pois a mesa era feita para que eles,  
bocas dos antepassados, se unissem  
aos que não pudessem estar com as  
vivas crianças, seivas finas do vento.

O pátio cinzento dava então caminho  
para salas de aula, e, enfileirados,  
podiam cantar sobre o amor e a dor.

Eles preferiam desenhar coisas como nuvens e sóis, quando tinham quase dez anos de idade. Logo depois, preferiram escrever sobre o que não entendiam, e assim formaram mais buracos dentro do corpo.

Korczak dizia que a força era a verdadeira mãe de todos eles. A normalidade não compensava se não fosse tida como libertação: *“Mas eu gosto demais da minha loucura para não ficar apavorado ante a ideia de que alguém queira curar-me contra a minha vontade”*.

Em 1942 o orfanato foi evacuado e as crianças levadas a trens lotados. O judaísmo as movia, na fôrma da amálgama, a suástica nazista. 

No dia dessa deportação, Korczak pediu às crianças que colocassem suas melhores roupas e pegassem o brinquedo favorito. Obedeceram.

Ian, cinco anos, correu e corou: levou o broche da falecida mãe. A insígnia do movimento cortou a lágrima imprecisa da parede, indolor esfera do calor ausente, pela morte quando se calçava na hora que ela chegava, vã, a todos que juntos se amavam.

Korczak logo decidiu morrer,  
pois não viveria sem amor.  
Assim, acompanhou o cortejo  
das crianças, e de mãos unidas  
rumaram à Umschlagplatz,  
aos campos de extermínio.

Morreram como família,  
dissecando a falta do sol de  
Treblinka, lado a lado, sós,  
na imagem dos pais fadados.

Ele morreu depois delas morrerem.  
E rezou para que se reconhecessem.  
Chorou pela maldade da humanidade,  
sentindo o ar implodir os pulmões.

Décadas depois, ele finalmente  
ganhou para seu casaco morto um  
broche que nunca será utilizado:  
a Cruz de Cavaleiro da Ordem  
da Polônia Restituta: “*Amém*”.

Durante o evento, renasceu o sol.

\*\*\*\*\*

*Toten-Kopf* traduz literalmente  
“cabeça de morto”, amplamente  
interpretada como “cabeça de  
pessoa morta”. Semanticamente,  
vemos um crânio, literalmente

um *schädel*. Como um termo, *Totenkopf* é o crânio humano como um símbolo, geralmente desenhado com ossos cruzados da coxa, como agrupamento.

O significado contemporâneo de *Totenkopf* não mudou por pelo menos dois séculos.

O poeta Clemens Brentano diz em “Baron Hüpfenstich”:

*“Lauter Totenbeine und  
Totenköpfe, die standen  
oben herum...”*.

(“Um monte de ossos e crânios, eles foram colocados acima...”).

\*\*\*\*\*

Faz verão no Vidigal.

Duas mulheres trançam  
duas cabeças de crianças.  
Ao lado, o barraco dos fios  
soltos, fervem o café tostado.

Dois olhos, de repente, são  
quatro pupilas, a cada nova  
mecha o crânio se repuxa —  
O céu fica nublado, a chuva  
pode invadir o morro em vão.

No chão, tralhas de pipa, linhas  
proibidas de serem cortantes,  
pois cabeças foram degoladas  
inocentemente, por crianças.

Lata de achocolatado, carretel,  
e o amontoado de longas rabiolas,  
feitas de saquinhos de mercados.  
O menino menor se adianta, só,  
o céu logo canta ao canto sol.

Na placa “Silêncio! Comando”  
seu irmão, ao longe, o chama:  
“Vem logo, mano! Vô te dá algo”.

A pipa se afrouxa, tristonha.  
Nonato coça o miolo quente,  
pensa no que disseram antes:  
a morte que morava com o Jeff.

O céu então esconde o sol.  
“Não fica bolado, e vem pô!”  
Ele decide ir. Passa na viela  
curta, mas longa, onde nem  
Sócrates saberia explicar  
aquele instante em que a  
sociedade pode acabar:  
“Leva pra nós essa marmita!”

Ele atravessa correndo os  
rins, inchados de medo,  
dois olhos como quatro  
pupilas, as mãos da mãe  
que apertaram a trança,  
para apertar a consciência.

Um monte de ossos e crânio,  
eles foram colocados acima  
da mochila da escola, pano  
encardido de lêmdeas e fome:

*Totenkopf. Totenkopf.*

O carro da polícia leva  
quatro cabeças brancas.  
O chão, ainda negro, não é  
suficientemente humano —  
uma das mulheres trança  
uma boneca envelhecida.

“Não olha assim, Benedita.

Ela perdeu o Noninho faz anos.  
Que mãe vive com o filho morto?”

Café na mesa, em instantes Vera  
serve o copo do filho com leite:  
“Vai direto pra escola, meu amor”.  
Ela se deita, e a lágrima congela  
enquanto os ossos suportam  
o peso de um crânio baleado,  
a criança eternamente reanimada,  
na memória que ainda ressoa o ar:  
e nada é tão triste como amar.

## SUBSTANTIVO: EGÍPCIO

### I

Reconstituição da tumba:

*A Confissão Negativa*

(Papiro Nu)

*Não causei sofrimento aos homens.*

*Não fui violenta contra meus pais.*

*Não distorci a justiça pela injustiça.*

*Não acompanhei os malvados.*

*Não cometi crimes ou delitos.*

*Não fiz trabalharem por mim.*

*Não causei intrigas por ambição.*

*Não maltratei meus semelhantes.*

*Não blasfemei contra os deuses e lendas.*

*Não privei o indigente da subsistência.*

*Não cometi ações execráveis pelas leis.*

*Não permiti que alguém fosse maltratado  
em minha frente.*

*Não fiz outrem sofrer, conhecido ou não.*

*Não provoquei fome em outra pessoa.*

*Não fiz chorarem os humanos, os animais.*

*Não matei nem ordenei que matassem.*

*Não provoquei doenças em outras pessoas.*

*Não manipulei o peso da balança.*

*Não tirei o leite das bocas de crianças.*

*Não extingui a chama do fogo quando devia queimar.*

*Não impedi um deus ou uma pessoa de se manifestar.*

*Sou pura! Sou puro! Sou pura! Sou puro!*

## II

### Síria

Uma menina é ninada por seu pai.  
Ele brinca com a chegada de  
Fogos de artifícios pelo ar.  
O pai precisa contê-la, com alegria  
perante o medo de vê-la morrer.

O céu traz bombas para perto de casa.

Sou pura! Sou puro! Sou pura! Sou puro!

## III

### Enclave

*“Una coltre di lava ha sigillato  
ogni cranio ogni orbita svuotata.  
Ogni bocca nel grido ha sigillato.”  
Goliarda Sapienza*

### Mesopotâmia

A Epopeia de Gilgamesh traz uma descrição  
do espírito de Enki-du, ao voltar do Eresh  
(o mundo dos mortos), e descreve a vida pós-morte:  
*As coisas não têm sabor, a vida não tem energia,  
as coisas não acontecem e só há monotonia e inação.*

*Sou pura! Sou puro! Sou pura! Sou puro!*

IV

Sertão da Bahia

Febre azul, o mal de sete dias.  
Corta o umbigo e a criança pega tétano.

“Nasceu as 23h30 da noite e às 11h30 já morreu.  
Ela resolve que não queria mais se aviver.  
Nasceu com problema.”

“E Deus ajudou que o parto foi rápido.  
Mas ela insistiu e tava inchada.”

E a velha parteira lhe disse  
“Só vai descarregar quando ela nascer,  
Não espera esse vivimento não.”

Ela então descarregou, ela então gritou.  
Morreu de sangue e de vivenda:  
Mas quem ficou é quem não se previa,  
Um broto de 1 quilo e meio, chorou

Chorou como se já fosse até dia.

Sou pura! Sou puro! Sou pura! Sou puro!



Vencedor  
na categoria  
POESIA

